



CULTURA ARTÍSTICA ITUANA: EXPLORANDO O CASO DO OURIVES THOMAZ DA SILVA DUTRA.

Anicleide Zequini¹

O Oficial de Ourives, mulato, Thomaz da Silva Dutra, pai de Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dutra, o Miguelzinho Dutra, viveu em Itu entre os anos de 1809 até o seu falecimento em 1835.

Diante da pesquisa documental realizada, principalmente, em documentos pertencentes ao Arquivo do Museu Republicano de Itu, como Inventários post-mortem e Testamentos relacionados aos membros de sua família, aliado a um importante documento de suas Memórias escrito por Miguel Dutra, pertencente ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo e ainda pouco conhecido pelos pesquisadores de sua biografia, intitulado “Depósito dos Trabalhos de Miguel Archanjo Benicio de Assumpção Dutra – 1847” possibilitou o levantamento de informações sobre a Vila de Itu na época em que Thomaz, seu filho Miguel e família ali residiram. As informações acerca da rede de sociabilidade em torno especialmente de seu Miguel Dutra, permitiram levantar algumas informações importantes sobre sua formação artística que aprendeu junto aos membros das ordens religiosas que em Itu se estabeleceram e estavam em plena atividade na Vila de Itu do início do século XIX e, desmistificar o fato de ter sido este artista um autodidata.

Uma das primeiras referências sobre a existência desta Memória encontra-se no clássico trabalho publicado por Mário de Andrade em 1945 sobre ao Padre Jesuíno do Monte Carmelo. As várias transcrições de documentos encontradas neste trabalho indicam que Mário de Andrade teve em suas mãos o Depósito dos Trabalhos escrito por Miguel Dutra. Miguelzinho, como ficou conhecido na Província de São Paulo após realizar seus estudos em Itu onde também se casou, transferiu sua residência para Piracicaba, SP em 1845. Itu de Miguelzinho e de sua família se caracterizava como uma Vila que havia se enriquecido em decorrência da economia açucareira que fez dela uma das mais importantes da Capitania e, depois Província de São

¹ Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Doutora pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Paulo. Miguel foi batizado na Matriz de Itu no dia 23 de agosto de 1812, com oito dias, pelo Reverendo Manuel de Arruda e Sá, tendo como padrinhos Francisco Antônio Romano, solteiro e D. Maria Angélica, todos moradores da Vila de Itu que, naquele tempo, ainda podia ser considerada como uma das localidades mais ricas da Província de São Paulo².

A economia açucareira desta localidade enriqueceu seus moradores e, essa riqueza refletiu-se nos inúmeros edifícios religiosos católicos, na presença de irmandades e confrarias, de boas casas de taipa de pilão cobertas de telhas, edificações assobradadas, concentradas especialmente na Rua Direita, atual Rua Paula Souza, Rua da Palma, atual Rua dos Andradas, Rua do Comercio, atual Rua Floriano Peixoto e no Largo da Matriz, onde também estava localizada a Casa de Câmara de Cadeia. Áreas consideradas por João Walter Toscano em seu trabalho intitulado *Itu/Centro Histórico: estudos para preservação*, como o “eixo central de povoamento”, onde havia se concentrado a população mais abastada como os proprietários das maiores áreas rurais, dos engenhos de açúcar, de escravos e negociantes e a elite jurídica e eclesiástica.

Nos finais do século XIX, em 1774, data da primeira representação urbana desta Vila, intitulada “Figura por estimação da Vila de Itu” realizada pelo Engenheiro português José Custodio de Sá e Faria, pode-se observar a configuração da localidade, seu desenho urbano e a presença das igrejas do Carmo, a Bom Jesus e a Igreja Nova (atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária) que ainda se encontrava em construção no ano de 1774, além da Igreja e Convento de São Francisco. Sá e Faria, não representou a pequena Capela de Santa Rita, mas ela já existia, pois fora construída em 1728. Também na época de sua visita, ainda não estavam construídos outros edifícios religiosos como a Igreja das Mercês e seu Seminário para meninas pobres, a Igreja do Bom Conselho com seu Seminário para meninos pobres (1820) e a Igreja do Patrocínio, inaugurada no ano de 1809.

No final do século XVIII, quando a Matriz de Itu estava sendo concluída, isto em 1788, significativas doações provenientes de verbas testamentárias e de heranças e por doações foram destinadas a ornamentação de altares, encarnação de imagens sacras, na fabricação dos aparatos para o culto religioso, na composição de músicas para as missas solenes e comemorativas, e também para a confecção de joias para as famílias mais abastadas. Nas palavras de Mário de Andrade “a grande floração artística de Itu corresponde à sua grande floração econômica” (ANDRADE, 1945: 17).

Neste período está na Vila o mestre artífice mulato José Patrício da Silva Manso que, em 1786, estava assinando um contrato com D. Maria Francisca Vieira para ajustar os trabalhos de douramento e pintura da Matriz de Itu (BARBAS: 27-28. Era viúva de Francisco Novaes de Magalhães, falecido em 1785, que também havia deixado em seu Testamento a importância de três mil cruzados que havia destinado ao “douramento e pinturas do seu altar mor” e, outros duzentos mil reis para ajuda da “compra dos ornamentos” e outros

² Batismo de Miguel. Livro 552. Paróquia de Nossa Senhora Candelária 1807-1815 p. 96 v. Cúria Metropolitana de Jundiaí.

tantos para obras da Capela mor. O encontro recente no Arquivo do Estado de São Paulo da Prestação de Contas de seu Testamento datado de 1789 nos dá uma periodização mais aproximada do período em que Patrício da Silva Manso, possivelmente realizou os trabalhos na Igreja Matriz de Itu. Isto é: entre os anos de 1786, data do seu contrato com D. Francisca ao ano de 1789 quando o vigário Manoel da Costa Aranha entrega o recibo de quitação daqueles trabalhos para ser inserida na Prestação de Contas de seu Testamento, pois havia “acabado o doiramento e pinturas”³. Em 1790, segundo o recenseamento da Vila, Patrício da Silva Manso ainda estava morando em Itu, tinha 34 anos e residia na Rua Santa Rita, juntamente com sua esposa Ângela Maria e dois filhos, José de 5 anos e Anna de 2 anos⁴. Além de sua obra, Patrício Manso também faz de um recém-chegado a Itu, o também mulato Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, depois Padre Jesuíno do Monte Carmelo (ANDRADE, 1945: 16), Mathias Teixeira da Silva, pois o mesmo deixou seus desenhos, recentemente descobertos datados de 1788 e Bartholomeu Teixeira Guimarães, entalhador do retábulo da Matriz.

Itu, contava também, com a presença de inúmeras ordens religiosas e de padres. Segundo Nardy Filho, quase todos provenientes de famílias da localidade, “as quais por esse tempo, faziam questão de ter um filho junto ao altar e outro nas milícias” (NARDY FILHO, 1949: 3). Na família de Miguel, não foi diferente, pois segundo registros do Recenseamento de População para a Vila de Itu do ano de 1824, encontra-se o nome de um de seus irmãos Antonio da Silva Dutra, com 25 anos e soldado da Milícia.

A vinda de Thomaz da Silva Dutra para Itu, certamente estava atrelada a presença de inúmeras igrejas e da riqueza da população, construídas no período do auge da riqueza açucareira e determinante para atrair um contingente significativo de profissionais, como músicos, entalhadores, escultores, pintores, ourives, mestres de ofícios, marceneiros, ferreiros e os designados como imaginários, aqueles que expressavam suas criações artísticas através da arte da pintura e escultura.

A primeira informação encontrada sobre a família de Miguelzinho Dutra em Itu, data do ano de 1809, quando seu pai Thomaz da Silva Dutra aparece no recenseamento da Vila de Itu tendo 30 anos, mulato, casado com Gertrudes Maria mulato, com 2 agregados e um filho chamado Antônio de 7 anos. Sua profissão, Oficial de Ourives.

Thomaz, pelo que se têm notícias até o momento, era Oficial de Ourives e alfabetizado. Segundo José Jacinto Ribeiro, em sua *Cronologia Paulistana*, afirma que Thomaz “se popularizara como ourives, arte em que sempre revelou grande proficiência e muita habilidade” (RIBEIRO, 1901:545). Em seu registro de casamento realizado em Itu em 14 de fevereiro de 1809, consta ser Thomaz natural da Vila de Lorena, idade

³ Testamento de Francisco Novaes de Magalhães. 1789. Acervo Arquivo do Estado de SP. COO557.

⁴ Maço de População para Villa de Itu ano de 1790 parte 2. Disponível em:

http://www.casadopinhal.com.br/search_textuais/view?id=2595. José Patrício da Silva Manso, faleceu em 1801.

de 31 anos, filho de pai incógnito e de Isabel Maria; sua esposa Gertrudes Maria, natural da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre do Bispado do Rio de Janeiro (atual cidade de Resende, RJ), de 30 anos, filha de pai incógnito e de Thereza de Jesus, natural da Vila de Lorena.⁵

Thomaz, assim como sua esposa eram filhos de pais incógnitos não declarados, dado que indica ser esta informação mais coerente do que aquelas encontradas em algumas biografias já escritas sobre Thomaz da Silva Dutra e que o consideraram ser ele filho de Antônio da Silva Dutra. Esta conclusão se deu devido ao encontro de um registro de óbito de um Thomaz datado de 30 de abril de 1828, publicado no Livro de Augusto Carlos Ferreira Velloso, intitulado Os Artistas Dutra Oito Gerações. Contudo, o encontro do inventário⁶ de Thomaz da Silva Dutra proporcionou esclarecer esta informação, pois foi possível constatar que Thomaz da Silva Dutra faleceu em 24 de março de 1835 e não em 1828 e, que o falecido Thomaz de 1828 que consta do livro de Velloso era na verdade, filho de Antônio da Silva Dutra, irmão de Miguelzinho Dutra⁷.

Estes dados sobre os pais de Thomaz ainda merecem mais pesquisas e ao encontro de outros documentos que proporcionem, por exemplo, saber de fato o local de seu nascimento e outros dados de sua família materna. Thomaz trabalhou como ourives em Itu e, Miguelzinho em suas Memórias escritas no Depósito de Trabalhos de 1847, nos informa que o mesmo trabalhou com o ouro retirado de uma lavra do rio Tietê na localidade de Salto, morava na Rua Santa Cruz e que foi sepultado no Jazigo dos Franciscanos.

O fato de ter trabalhado com ouro, pode ser uma forte indicação de que Thomaz, provavelmente, confeccionava joias de família e pequenos adornos, já que até o momento das pesquisas realizadas, não foram encontrados documentos que indicam ter ele trabalhado para as Igrejas locais, já que muitos deles eram quase sempre feitos em prata.

Informações complementares sobre família de Thomaz foram possíveis serem levantadas a partir dos documentos encontrados sobre a família de sua esposa Gertrudes Maria Pereira, falecida em Itu em 16 de março de 1828. Em seu inventário, tendo como inventariante seu marido, Thomaz da Silva Dutra constavam serem seus herdeiros Antônio da Silva Dutra, casado com 28 anos; David da Silva Dutra, solteiro com 22 anos; Miguel Archanjo, solteiro, com 18 anos; Claro da Silva Dutra, com 15 anos; Thereza Barbara, com 13 anos e Gertrudes com 9 anos⁸.

⁵ Livro no. 08 Casamentos de Brancos de Itu 1804-1815 p. 76v.

⁶ Inventário de Thomaz da Silva Dutra. 1º. Ofício da Comarca de Itu, 1835, Arquivo MRCI, Cx. 43A; Livro n. 6 de Óbitos de Brancos de Itu 1828-1837 p. 1v. Foi sepultado, envolto no hábito de São Francisco e sepultado no cemitério dos Franciscanos de Itu.

⁷ Thomaz, filho de Antonio da Silva Dutra, faleceu de febres com 3 anos em 30 de abril de 1828. Livro 6 Óbitos de Itu 1828-1837 p. 1v.

⁸ Inventário de Gertrudes Maria Pereira. 1º. Ofício da Comarca de Itu, anexo ao Inventário de Thomaz da Silva Dutra. Foi, segundo escritos de Miguelzinho sepultada no Jazigo do Carmo e seu pai no de São Francisco, ambos já demolidos.

David da Silva Dutra, faleceu em Itu em 12 de março de 1833 com 25 anos. Livro n. 6 de óbitos de Brancos de Itu 1828-1837 p. 44.

Mas, o que se destacam neste documento são os bens da família: vários imóveis, jóias e uma série de livros, a maioria deles com títulos religiosos, mas também, uma obra em cinco tomos de Geografia e um Dicionário Prático de ensaio de prata e ouro, afinal Thomaz era um ourives.

Entre as joias de ouro e prata estavam brincos com pedras de diamantes, rosários de ouro, brincos com pedra de topázio vermelho, anéis de ouro com pedras de diamantes, um oratório com suas imagens e resplendores e um Santo Antônio com seu resplendor de prata. Além de louças, cobres, estanhos, vidros e móveis. Há também, a descrição da sua Tenda de Ourives, que estava diretamente relacionada ao seu trabalho. Constava ela de forno, martelos, alicates, foles e ferrinhos⁹.

Além destes bens, constavam deste inventário, terrenos na Rua Santa Cruz e na Rua Santa Rita e a sua casa de morada na Rua Santa Cruz, da qual Miguelzinho guardou boas recordações, chamando-a carinhosamente de “minha querida, onde nasci” ¹⁰.

Outro documento encontrado, especialmente relacionado à mãe de Gertrudes Maria, avó materna de Miguelzinho e sogra de Thomaz, nos dá outras indicações da sua vida familiar em Itu. A presença da sua avó Thereza de Jesus e seu tio José Demétrio da Luz, como moradores da localidade, informações que atestam que Thomaz possivelmente não veio só para Itu, mas com a família de sua esposa Gertrudes Maria.

Outra interessante informação do testamento de Thereza Jesus, feito em 9 de março de 1822, reafirmou os dados encontrados no registro de casamento de Thomaz e Gertrudes Maria. No testamento, Thereza de Jesus, afirmou que era viúva de José Novais, preto, forro, de cujo casamento não tivera filhos. Mas, declarou também que tinha outros filhos: Josepha, Francisco e Augustinho, dos quais ela não tinha notícias e nem mesmo sabia se estavam vivos. Mas, que tinha aqui em Itu, sua filha Gertrudes casada com Thomaz da Silva Dutra e, também outro filho que com ela morava na Rua das Flores, atual Rua Marechal Deodoro, chamado José Demétrio da Luz¹¹.

Com o falecimento de Thomaz da Silva Dutra em 24 de março de 1835, tendo Miguel Dutra como seu inventariante, os bens da família foram novamente partilhados e consta entre seus herdeiros Antônio da Silva Dutra ¹², Miguel Archanjo Benicio Dutra, 23 anos; Thereza Bárbara de Jesus, 17 anos ¹³; Gertrudes Maria, com 13 anos ¹⁴. Mas, também alguns filhos Naturais que não foram arrolados no inventário de sua esposa Gertrudes Maria. Eram eles: Mariano da Silva Dutra, Esméria Maria casada com Joaquim Barbosa de Oliveira e moradora da Vila de Areias, SP, Isabel Maria, Thomazia Maria, João Paulo e José, com 6 anos.

⁹ Relação de bens dos Inventários de Gertrudes Maria. Op. Cit. p.10v- 18v; e de Thomaz da Silva Dutra, op. Cit.

¹⁰ Depósito de Trabalhos – 1847.

¹¹ Prestação de contas de testamento de Thereza de Jesus. 1º. Of da Comarca de Itu, 1829 cx. 35.

¹² Antonio da Silva Dutra se casou em Indaiatuba em 8 de janeiro de 1826 com Anna de Barros.

¹³ Thereza Bárbara de Jesus se casou com Antonio Lopes.

¹⁴ Gertrudes Maria, pelos dados casou-se com Francisco Leite Ribeiro.

Todos receberam a sua parte na herança. Miguelzinho Dutra, como herdeiro de seus pais, recebeu parte da herança que lhe cabia na partilha entre os seus irmãos. Em 1828, por falecimento de sua mãe Gertrudes Maria Pereira em 1828, observa-se que ficou como um oratório com suas imagens e resplendores, um terreno na Rua Santa Cruz e todos os livros, incluindo o Dicionário Prático de ensaio de prata e ouro¹⁵.

Após o falecimento de seu pai, Miguelzinho se casou em Itu, em 28 de setembro de 1835, com Francisca Rosa de Assis, filha de Francisco de Paula Guimarães e Anna Esmeria¹⁶. Em 1836 o encontramos residindo no lado Norte da Vila, tinha 24 anos e pelo recenseamento realizado tinha dois filhos: Maria com 5 anos, mulata e outra também de nome Maria, mulata, 1 ano¹⁷. A primeira referência encontrada sobre ele após seu casamento indica que sua profissão era Ourives, assim como de seu irmão Claro que, em 1842, era morador em Indaiatuba onde também exercia esta mesma profissão. Mas é nas Memórias escritas no “Depósito de Trabalhos”, que Miguel nos informa a trajetória de formação e de sua múltipla produção artística. Observa-se que ele já estava compondo alguns hinos e valses, pois conforme ele mesmo afirmou havia realizado sua primeira composição já em 1828, quando estava aprendendo a tocar órgão com frei José de Santa Delfina.

A sua formação ele mesmo registrou. Na Igreja e Convento dos Franciscanos, pelos anos de 1827, Miguelzinho aprendeu a tocar órgão, que foi também uma de suas profissões, pois aparece em 1843 atuando como organista em Itu. (SERGL, 1999: 60) e, depois como morador em Piracicaba, fabricou órgãos e alguns pianos em parceria com Antônio Venerando Teixeira que faleceu em Itu, em 1875.

Aprendeu pintura com o Padre Frei José de Santa Delfina. Miguelzinho o considerava como ituano, mesmo sendo natural da Província do Rio de Janeiro, era organista, músico compositor e foi quem construiu o primeiro piano em Itu e incentivou a instalação da primeira escola para o sexo feminino em Itu, sob a direção de D. Rita Cândida Freire¹⁸. Com o Padre Elias do Monte Carmello, aperfeiçoou suas habilidades e, o “fez aparecer”, certamente valorizando o seu trabalho e, possivelmente, o indicando para outros. O padre Elias, foi quem esteve à frente na reestruturação da Matriz e foi o fundador do Seminário das Educandas, onde “floresceu muito a música”.

Com estas Memórias de Miguelzinho foi possível reconstruir alguns dados de sua biografia e de seus familiares, informações importantes acerca de sua rede de amizades e de sua formação tanto em Itu como de sua trajetória profissional entre os anos de 1828 a 1874. Mas, ainda há muito a se descobrir, pois ele

¹⁵ Inventário de Gertrudes Maria Pereira. Op. Cit. pp. 32-34v.

¹⁶ Livro 10 de Casamentos de Brancos e Forros de Itu 1834-1856 p. 12.

¹⁷ Esta Maria, foi batizada em Itu aos 15 de dezembro de 1835. Foram seus Padrinhos João dos Santos Ferreira e sua mulher Rita Cândida Pacheco. Livro 15 Batizados Itu 1833-1837 p. 43

¹⁸ Há também referência de que o primeiro piano possa ter sido construído pelo artista João Ingle, por volta de 1830, nas dependências do Seminário Fundado pelo Padre Campos. Cf. Sergl, p.23.

mesmo nos afirmou ter escrito outros cadernos de Memórias que até o presente ainda se encontram desaparecidas, mas que esperamos reencontrá-las!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno, do Monte Carmello*. São Paulo: Martins ed. 1963
- BARBAS, Manoel Valente. *A Igreja de Nossa Senhora da Candelária de Itu. A Pintura e Douração Internas Originais e a reforma descaracterizadora de sua fachada*. Revista ASBRAP n. 11,
- DUTRA, Miguel. *Depósito dos trabalhos Miguel Archanjo Benicio Assumpção Dutra, 1847*. Documento Manuscrito pertencente à Biblioteca Walter Way – Estação Pinacoteca datado de 1847.
- CERQUEIRA, Carlos Gutierrez. *Entalhador da Matriz revela-se em inventário do mecenas da Itu Colonial. Resgate-História e Arte II*. Disponível em:
<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxyZXNnYXRlaGL-zdG9yaWFlyXJ0ZXxneDo2YzVlNTewYmMyYjA4YTY0>. Acesso em 10 set. 2018.
- NARDY FILHO, Francisco. *Sacerdotes Ituanos*. Jornal A Federação, Itu, SP. 18 dez. 1949.
- PETRONE, Maria Thereza. *A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)*. São Paulo. Difusão Europeia do Livro. 1968. (Coleção "Corpo e Alma do Brasil", volume 21).
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Algumas notas sobre a lavoura do açúcar em São Paulo no período colonial. Anais do Museu Paulista*. Vol. 21, 1968.
- RIBEIRO, José Jacinto. *Cronologia Paulistana, 2º. Vol. Primeira Parte*. São Paulo: s/ed. 1901.
- SERGL. Marcos Julio. Tese Doutorado. *Ópera e Música Sacra em Itu*. Departamento Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes.USP, 1999.
- TOSCANO, João Walter. *Itu/Centro Histórico: Estudos para Preservação*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 1981
- ZEQUINI, Anicleide. *História de Fazendas: o Bairro do Pirahy, atual Pedregulho*. Itu, SP. 2016. Disponível em: <http://www.itu.com.br/artigo/as-fazendas-de-acucar-bairro-pirahy-itusao-paulo-20161215>.